

## A EDUCAÇÃO MUSICAL NA MATURIDADE

Marcelo Caires Luz  
Nadia Dumara Ruiz Silveira

No Brasil de hoje, a população com idade superior a 60 anos tem crescido significativamente, devido aos insistentes programas de controle da natalidade, da conscientização da importância de uma alimentação com qualidade e da expansão do saneamento básico oferecido pelos estados e municípios. Também compõem essa realidade os inúmeros avanços da medicina preventiva, da geriatria, da genética molecular, da farmacologia, da quimioterapia e das atuais pesquisas e descobertas da indústria biotecnológica (células-tronco), fatores que contribuem e, certamente, contribuirão para a preservação da vida humana.

Segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>1</sup>, a população idosa do nosso país hoje é de aproximadamente 8,6%. A previsão para 2020 é de que haverá um idoso para cada 13 habitantes. As pesquisas atuais revelam que, em menos de 25 anos, os idosos serão 15% da população, a exemplo do que já vêm ocorrendo na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e no Japão, países nos quais o envelhecimento populacional também foi lentamente se incorporando à realidade social (NERI E DEBERT, 1999).

Embora a expectativa de vida brasileira seja inferior àquela dos países desenvolvidos, o crescimento da população com mais de 60 anos tem sido alvo de atenção dos educadores e profissionais das ciências humanas, sociais e médicas, que se preocupam em reintegrar essas pessoas à sociedade, reduzindo sua exclusão e valorizando sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social de nosso país. Por outro lado, não poderíamos deixar de mencionar a preocupação que existe com a qualidade de vida desse segmento.

Assistimos em nossa sociedade a inúmeras iniciativas que realizam programas de integração social da população idosa. Na sua maioria, esse público é composto por aposentados, muitos deles caracterizados como pessoas carentes, portadoras de inúmeros problemas, dentre eles a acentuação da sua condição de isolamento. Nesse sentido, Azambuja (1995, p. 97) acrescenta que:

(...) a essas condições somam-se o declínio de suas características físicas tais como rugas, cabelos brancos, diminuição da memória e dos sentidos e muitas outras, que unidas à sua marginalização determinam alterações psíquicas como a perda da confiança, da angústia e a depressão.

---

<sup>1</sup>Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso> (último acesso em 04/07/2006).

Do ponto de vista humanitário, esses fatos não podem ser desprezados, principalmente pelos que se interessam por ações na área da Educação. Muitas são as propostas sociais e educativas que envolvem os idosos, visando a reeducar, recuperar velhos sonhos, reabilitar capacidades, desenvolver competências e socializar através de diferentes tipos de projetos. As programações existentes abrangem diversas áreas como: o lazer (excursões, bingos, chás da tarde, aniversários, crochê, etc.), atividades físicas (dança, biodança, alongamento, ioga, etc.) e as de cunho intelectual, cultural e religioso (aulas de culinária, de psicologia, festas folclóricas, terços e missas especiais para idosos e seus grupos, etc.).

A concretização dessas propostas destinadas ao segmento idoso defronta-se com inúmeras dificuldades, dentre elas o fato de não existir profissionais devidamente qualificados para planejá-las e executá-las. Com frequência encontramos voluntários da própria comunidade desenvolvendo ações voltadas a estimular o interesse e a participação dos idosos, procurando atender às suas necessidades e expectativas.

Dentre os diversos projetos educacionais realizados com pessoas idosas, destacam-se aqueles que incluem atividades musicais, pelo seu significado relacionado à auto-satisfação e ao prazer. Ocorre um envolvimento emocional que acaba estimulando principalmente o resgate da auto-estima das pessoas nessa faixa etária. Azambuja (1995, p. 105), ao justificar sua opção metodológica para trabalhar música, expressão e criatividade na maturidade, coloca que: "(...) usamos sempre a música, popular ou erudita, porque favorece a expressividade, a coordenação, o ritmo e a emoção".

Nosso interesse pelo estudo sobre Educação Musical para idosos, despertou-se a partir das atuais questões que envolvem a formação de um Educador Musical e a constatação dos muitos resultados relacionados aos benefícios decorrentes dessa aprendizagem para o desenvolvimento do ser humano. Willems (1970, p. 11) explicita essa idéia ao colocar que:

[A música] (...) enriquece o ser humano pelo poder do som e do ritmo, pelas virtudes próprias da melodia e da harmonia; eleva o nível cultural pela nobre beleza que emana das obras-primas; dá consolação e alegria ao ouvinte, ao executante e ao compositor. A música favorece o impulso da vida interior e apela para as principais faculdades humanas: vontade, sensibilidades, amor, inteligência e imaginação criadora. Por isso a música é encarada quase unanimemente como um fator cultural indispensável.

Por considerar a experiência do trabalho com idosos extremamente envolvente e desafiadora, pelo enredamento do seu processo e resultados é que foi assumido o desafio de sistematizar e analisar os resultados obtidos na implementação de uma proposta metodológica de Sensibilização e Iniciação à Linguagem Musical para essa faixa etária, verificando seu significado e sua eficácia, com a perspectiva de contribuir para uma renovação prático-conceitual de projetos desse tipo.

Inicialmente serão apresentados os fundamentos pedagógicos de uma Educação Musical contemporânea e a análise dos seus princípios, frente à realidade dos idosos. Seqüencialmente, são explicitados os mitos e os estigmas relacionados ao processo de envelhecimento na sua interface com a Educação Musical, encaminhando-se para o relato sobre os resultados alcançados neste trabalho.

## **A EDUCAÇÃO MUSICAL DO IDOSO NA ATUALIDADE**

No paradigma do ensino musical brasileiro tradicional, o aluno era um ser passivo e receptivo de informações que acabavam sendo “impostas” por docentes que defendiam a transmissão de rígidos valores europeus, trazidos dos grandes conservatórios do mundo, sem cuidar da adaptação à realidade cultural brasileira. Essa realidade caracteriza o que entendemos por um ensino musical que classificamos como tradicional, ou seja, centrado na transmissão de conhecimentos que eram de domínio do mentor e de uma metodologia que era, prioritariamente, tecnicista e de baixa qualidade musical. Koellreutter (*apud* Brito, 2001, p. 42) criticando tal realidade, afirma que:

(...) os nossos estabelecimentos de ensino musical ainda se orientam pelas normas e pelos critérios em que estavam baseados os programas e currículos dos conservatórios europeus do século passado, revelando-se instituições alheias à realidade social brasileira, na segunda metade do século XX, e servindo, dessa maneira, a interesses que não podem ser os interesses culturais do nosso país.

Referindo-se também ao ensino tradicional de música, Willems (1970, p. 123) menciona que “nem todas as tradições às quais os professores se conservam fiéis são boas”, o que indica a necessidade de uma reforma no paradigma contemporâneo da licenciatura da Linguagem Musical.

Aprofundando a análise sobre essa *práxis*, o referido autor aponta a grande distância existente entre a teoria e a prática dessa forma de linguagem, o que confirma uma falha metodológica pautada por uma típica ênfase aos aspectos teóricos na fase inicial do processo da aprendizagem que por não conectá-lo a uma vivência e, portanto, à uma significativa necessidade dos elementos constituintes dessa linguagem, transformam a maioria dos cursos em uma formação meramente técnica, respaldada em processos de auto-censura realçando, apenas as dificuldades.

Nesse sentido, pode-se afirmar que essa metodologia tradicional de ensino musical acaba por desestimular, em especial os idosos interessados em se alfabetizar na linguagem musical, certamente porque estes não conseguiriam, sozinhos, relacionar as duas dimensões que devem constituir o processo de cognição da Linguagem Sonora. Ao adotar esse modelo os resultados seriam insatisfatórios, pelo

desestímulo dos participantes levando-os a desistir da aprendizagem, em razão das dificuldades técnicas, cognitivas e de exaustão que enfrentariam já no início do processo.

A fim de garantir a relevante relação entre prática e teoria na aprendizagem musical, entende-se que os músicos-educadores, os conservatórios, as escolas livres de música, os projetos do terceiro setor e as escolas oficiais de educação básica, que incluem a música como prática isolada ou como parte da sua estrutura curricular, precisam, de fato, atentar para essa problemática que pode comprometer, segundo Beyer (1999, p. 10), o verdadeiro sentido da Sensibilização e da Iniciação à Linguagem Musical e, como consequência, o de se fazer Música, musicalmente:

Muitas vezes, ainda quando escolas buscam resgatar o espaço da música em seu programa, reconhecendo até a importância desta, acabam seguidamente por ensinar de modo preponderante os princípios da teoria musical e técnica instrumental, transformando a atividade musical – que na rua, nas festas, nos bailes, etc. é tão atraente e contagiante – em algo enfadonho e cansativo para os alunos.

Cabe salientar ainda que com essa abordagem metodológica tradicional, na maioria das vezes, a vivência musical de fato não ocorria, pois o estudo técnico dos instrumentos musicais ou do aparelho fonador (necessário à aprendizagem do canto) era priorizado e solicitava uma prática demasiadamente fatigante. A respeito da relação entre o prazer, a prática instrumental e a teoria musical praticada nos processos seguidos por escolas de música na atualidade, Willems (1970, p. 153) menciona que:

A maioria das escolas de música atuais remedeiam a insuficiência da prática instrumental exigindo que o principiante siga cursos de solfejo. Contudo, acontece com demasiada frequência que, por um lado, o solfejo seja demasiado cerebral, exclusivamente teórico, e por outro lado o instrumento seja ensinado de forma puramente instrumental. Apelando antes de tudo o mais para os olhos, para os dedos, para as dedilhações e para o cálculo métrico, cria-se uma dissociação com os elementos musicais propriamente ditos: instinto rítmico e ouvido musical (a audição interior, sobretudo), elementos essenciais na educação musical.

Apesar da dificuldade de se romper efetivamente com as práticas tradicionais, há propostas alternativas que promovem a tentativa do rompimento dos antigos paradigmas que regem o tradicional processo de ensino de música em nosso país. A reconstrução dos princípios que norteiam o processo de Educação Musical Contemporâneo refuta as concepções anteriores e aponta para uma nova perspectiva desse tipo de formação, possibilitando até mesmo a Alfabetização da Linguagem Musical a todos, independentemente de requisitos de ordem social, intelectual, econômica ou etária.

O atual paradigma de Educação Musical coloca em destaque para o processo de Sensibilização, a Musicalização como atividade essencial dessa prática. Ao analisar essa questão, Campos apud Gainza (2000 pp. 36-37) amplia essa concepção ao colocar que:

Musicalizar é favorecer o indivíduo a se tornar sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, com capacidade de promover respostas de índole musical; é (...) um despertar para a linguagem sensível dos sons, fazendo vibrar o potencial presente em todo ser humano.

Nesse mesmo sentido, objetivando enfatizar o significado do desenvolvimento integral das potencialidades do ser humano, Koellreutter (*apud* Brito, 2001, pp. 39-45), destaca a contribuição abrangente da Educação Musical, contrariando o sentido de reduzi-la a um enfoque meramente técnico:

(...) a profissionalização de musicistas, mas aceitando a educação musical como meio que tem a função de desenvolver a personalidade [do educando] como um todo; de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, como, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização do todo, base essencial do raciocínio e da reflexão.

Portanto, entende-se que o trabalho de Educação Musical deve apresentar desígnios mais abrangentes e direcionados também à formação das múltiplas habilidades humanas, podendo promover um aprimoramento na sensorialidade, no desenvolvimento motor e na cognição do homem. Desse modo, atenta-se para que a aprendizagem musical não se restrinja à formação de um músico profissional. Não que esse não possa ser o objetivo do discente, mas o desenvolvimento musical pode e deve ser mais um dos instrumentos para contribuir no desenvolvimento do ser humano, no que tange também a questões afetivas e sociais, além de abarcar simultaneamente o desenvolvimento da memória e do raciocínio lógico matemático. Sobre este aspecto, Suzigan (1986, p. 2) postula que:

Todos os componentes do raciocínio lógico-matemático são elementos fundamentais para a possibilidade da aquisição da linguagem musical, principalmente no que se refere à capacidade de apropriação da escrita e leitura rítmica musical.

Diante da importância de se promover o desenvolvimento das faculdades humanas, ressaltando-se a memória, e considerando a Educação Musical como um relevante instrumento no desenvolvimento dessa habilidade, em todos os seus aspectos, Willems (1970, p. 118) apresenta e classifica as memórias musicais em: rítmica (incluindo a fisiológica, a afetiva e a mental), auditiva (categorizadas em memória sonora, melódica e harmônica), mental (divididas em nominal – nomes das notas, visual – leitura/escrita e analítica – por meio das formas musicais) e intuitiva (supramental: unidade/ totalidade e criação).

O pensamento de Suzigan (1986, p.3) corrobora e reforça a idéia de que a Educação Musical contribui, indubitavelmente, para o desenvolvimento humano, ao considerar que: “a atividade musical apresenta um infinito conjunto complexo de faculdades humanas, desde as mais abstratas até as mais concretas. A memória musical, por si só, vem demonstrar como é rico e diversificado esse universo humano”.

Ao referir-se à música, em particular e, complementarmente, ao seu aspecto sócioemocional, Suzigan (1986, p.2) menciona que: “além da memória cultural, as atividades propostas [em conjunto] na Educação Musical, se realizadas com os devidos cuidados e observação, são excelentes para a contribuição ativa no desenvolvimento do auto-conceito e da socialização”.

Por outro lado, estudos desenvolvidos pelas Universidades de *Wisconsin* em *Oshkosh* e da Califórnia em *Irvine*<sup>2</sup> mostraram que estudantes de música obtêm um resultado aproximadamente 34% maior em relação aos não-estudantes, no que diz respeito ao raciocínio temporal e espacial, necessários para se compreender melhor a matemática, a ciência, a física e a engenharia.

Sendo assim, entende-se que as propostas que envolvem a aprendizagem da música na maturidade devem considerar diferentes tipos de práticas, em especial a vivência dos elementos da Linguagem Musical, sua apreciação (sensações/plano emocional) e, finalmente, a base simbólico-conceitual de seus elementos (plano intelectual); pois, tem-se observado que esses aspectos são inseparáveis na aprendizagem musical e acessíveis a qualquer pessoa, desde que a metodologia escolhida considere a prática e a compreensão musical como princípios básicos, a fim de preservar o objetivo principal da música: comunicar-se por meio de um texto sonoro que seduz, consciente ou inconscientemente, o físico, o afetivo e a mente humana.

---

<sup>2</sup> Fonte: *A importância da Música para as crianças*. São Paulo: ABEMÚSICA – Associação Brasileira da Música, 2002.

## ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO MUSICAL – MITOS E ESTIGMAS

Antes se pensava que apenas as crianças tinham que ser educadas; pouco a pouco estamos percebendo que a educação pode e deve continuar durante toda a vida.” *Francis Wolf* - Presidente da Associação Argentina de Musicoterapia<sup>3</sup>

Os profissionais da Gerontologia e da Educação não podem ignorar que, em nossa sociedade, os conceitos de Envelhecimento e o de Educação Musical trazem em seu bojo mitos e estigmas que, infelizmente, funcionam como elementos dificultadores ao desenvolvimento de determinadas habilidades e como inibidores da capacidade dos idosos viverem novas experiências, dentre elas, novas aprendizagens. No que se refere ao envelhecimento, Moragas (1997, p. 24) postula que: “no estudo da velhice, como outros temas sociais, há muita confusão entre fatos científicos e mitos da opinião pública”. O mesmo autor, abordando o mito e as limitações da velhice, declara que:

O mito da velhice como etapa negativa se baseia em pressupostos incertos. A maioria dos idosos não tem limitações, nem suas vidas são negativas e dependentes (...) A velhice se constitui uma etapa vital que pode ter elementos de desenvolvimento pessoal, embora este desenvolvimento vá em direção contrária aos valores predominantes na sociedade atual: força, trabalho, poder econômico e político.

O autor também relaciona mitos com fatos, apontando a existência de uma visão preconceituosa em relação às questões relacionadas ao processo do envelhecimento; demonstra uma grande preocupação em transformar o olhar discriminador da sociedade, sujeito inviabilizador das capacidades dos idosos, refletindo sobre as suas aptidões e possibilidades, como ser dotado de capacidades biológicas, psíquicas e sociais.

Analisando o modelo social de velhice, Mercadante (2003, p. 56), explicita os fundamentos sócio-antropológicos da construção da identidade dos idosos, ao expor que:

O conhecimento da existência de um modelo social amplo e geral de velho, presente no imaginário social, que se constrói pela contraposição à identidade de jovem, levou-nos a pensar sobre questões relativas à construção da identidade do idoso e de como esta mesma identidade é sentida e vivida por aqueles indivíduos classificados como velhos.

Zimerman (2000, p. 21-25), abordando o envelhecimento, menciona que “envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo”; porém, a autora também se preocupa em ressaltar

---

<sup>3</sup> In Gainza, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. São Paulo: Summus, 1988. (prefácio do livro)

Artigo publicado no livro: **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. Beltrina Côrte, Elisabeth Frohlich Mercadante, Irene Gaeta Arcuri (organizadoras). São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção Gerontologia, 3).

que tais alterações são conseqüências naturais e gradativas ao longo da vida, fato que nos sinaliza que as perdas entremeadas ao processo do envelhecimento, são perdas que não ocorrem todas de uma única vez ou numa determinada data. Portanto, entende-se que a sociedade necessita trabalhar na transformação de um olhar preconceituoso para uma visão mais abrangente e compreensiva, no que diz respeito ao processo de envelhecimento.

A mesma autora (*ibid*), tratando da especificidade de cada ser que envelhece, nos lembra ainda da individualidade bio-genética e a forma de como exploramos nossa forma de viver ao longo da vida, mencionando que:

A alimentação adequada, a prática de exercícios físicos, a exposição moderada ao sol, a estimulação mental, o controle do estresse, o apoio psicológico, a atitude positiva perante a vida e o envelhecimento são alguns fatores que podem retardar ou minimizar os efeitos da passagem do tempo.

No que se refere à singularidade e especificidades que explicam a “identidade de velho”, Mercadante (2003, p. 66) nos faz refletir sobre o significado da relação entre estigma, identidade e alteridade ao colocar que:

(...) a identidade de velho, com todos os seus significados depreciativos, é produzida e reproduzida, principalmente, na relação com outro e pelo outro. Em outros termos, a identidade é reproduzida na relação de alteridade que é fundamento mesmo da construção da concepção de identidade individual e também social.

Ao se trabalhar com idosos, deve-se considerar essa realidade para nos confrontarmos com os vários mitos e estigmas mais relevantes encontrados na nossa sociedade, dentre eles: o de que quando envelhecemos, perdemos nossas capacidades, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais. Simultaneamente, se faz necessário meditar que “a velhice não é uma passagem obrigatória para a morte, assim como a demência não é uma ameaça em contrapartida de uma idade avançada, como parece ser a promessa aos decênios que ultrapassam nossas expectativas” (MESSY, 1999, p.10).

Mister se faz que seja estimulada a reflexão, que se volte um “olhar reflexivo” para mitos e estigmas encontrados em nossa estrutura e prática social. É fundamental que se pense, por exemplo, como o idoso é apresentado pela mídia, pois infelizmente quase sempre aparece de uma forma estigmatizada. É relevante que se possa intensificar o senso crítico sob a realidade que nos cerca, além

Artigo publicado no livro: **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. Beltrina Côrte, Elisabeth Frohlich Mercadante, Irene Gaeta Arcuri (organizadoras). São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção Gerontologia, 3).

de incentivar um estado de mudança dos paradigmas relativos à imagem do idoso no mundo em que vivemos.

O enfrentamento dos mitos, sobre o processo de envelhecimento, rebate a idéia de que, com a velhice, o momento da incapacidade chegou. Sabe-se que ocorrem inúmeras alterações no aspecto físico, social, econômico, familiar, além de mudanças de atitudes e outras relacionadas à autonomia de ser e de viver. Sabe-se que as mudanças ligadas aos aspectos psicológicos, segundo Zimmerman (2000, pp. 21-25), podem se originar da:

(...) dificuldade de se adaptar a novos papéis; falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro; necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais; dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas, que têm reflexos dramáticos nos velhos; alterações psíquicas que exigem tratamento, [tais como:] depressão, hipocondria, somatização, paranóia, suicídios; baixas auto-imagem e auto-estima.

Portanto, o estigma de velhice aparece entrelaçado com alguns preconceitos ligados a incapacidades de ordem física, sexual e mental, resultando na impossibilidade ou dificuldades na aprendizagem, relações de trabalho, dentre outras questões. Nesse sentido, Veras (1999, p. 35) reforça essa realidade ao mencionar que:

O idoso é comumente associado à doença. Apesar desta impressão não ser correta, pelo fato de mais de 80% deles estarem com sua autonomia e independência preservadas, é desta forma que a velhice é vista pela sociedade.

Retomando a idéia de que precisamos refletir criticamente sobre essa realidade e encontrar meios de enfrentá-la, devemos admitir que há vários fatores que podem ser motivadores e propiciadores do desenvolvimento das pessoas, entre elas os idosos. Abordando elementos do cotidiano que influenciam o desenvolvimento dos indivíduos, Azambuja (1995, p. 101) menciona que:

A vida pode contribuir com fatores que vêm facilitar nossa evolução, tais como fatores ambientais, políticos, educacionais, sociais e familiares, mas o que ocorre com frequência são condições que obstruem e impedem a manifestação de possíveis talentos e habilidades.

Estudos recentes apontam as alterações ocorridas ao longo do processo de envelhecimento, refletindo sobre as possibilidades de mudanças dessa realidade, enfrentando os limites impostos pelos fatores que retratam a velhice como um processo negativo e depreciativo do ser humano. No entanto, entende-se que somente admitir os elementos que fundamentam os mitos e estigmas relacionados à

Artigo publicado no livro: **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. Beltrina Côrte, Elisabeth Frohlich Mercadante, Irene Gaeta Arcuri (organizadoras). São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção Gerontologia, 3).

velhice, é desconsiderar a capacidade de desenvolvimento dos idosos e desconhecer os avanços científicos contemporâneos que, inesgotavelmente, apresentam soluções ou buscam amenizar muitos desses problemas.

Atualmente, entende-se que a mudança de visão sobre o envelhecimento e a velhice apóia-se na crença de que a incapacidade do velho pode assumir um novo significado; um significado que contemple a idéia de construção e transformação, e também na idéia de que a “gerontologia não terá futuro se não reintegrar o indivíduo e a velhice na história de uma vida inteira”, como afirma Messy (1999, p. 13).

Uma das formas de concretizar essa possibilidade de mudar a visão sobre a velhice é trabalhar com grupos de idosos, tendo como objetivo o desenvolvimento de experiências transformadoras de suas realidades, num sentido educacional amplo e, particularmente, através da Educação Musical. Essa educação deve motivar os participantes com o desenvolvimento de aprendizagens que podem ser gradativamente alcançadas, atendendo as expectativas específicas de cada fase desse trabalho.

Em nossa sociedade, admitir novas aprendizagens na velhice trata-se de um desafio de enfrentamento dos preconceitos em relação às capacidades dos seres envelhecidos, que aparece sempre medida a partir do referencial das capacidades dos jovens. Ao referir-se aos estigmas vigentes Mercadante (2003, p. 56) menciona que:

O modelo social de velho, as qualidades a ele atribuídas são estigmatizadoras e contrapostas às atribuídas aos jovens. Assim sendo, qualidades como atividade, produtividade, memória, beleza e força são características e presentes no corpo dos indivíduos jovens e as qualidades opostas a estas presentes no corpo dos idosos.

Tratando da “Idade da imaginação”, Izquierdo (2003, p. 18-19), apresenta uma relevante reflexão sobre influência da mídia e de outros agentes sociais que intensificam a cada dia, a construção de uma imagem deturpada da identidade dos sujeitos, jovens e adultos na maturidade, quando contrapostos em relação às suas capacidades físicas:

A mídia, as empresas que querem vender bens e serviços, os pares, exigem depois dessas mesmas pessoas, quando chegarem a adultos, que não sejam adultos. Que sejam jovens. Que um homem de 45 dance *rock* com a mesma energia de um rapaz de 15, que uma mulher de cinquenta tenha a aparência de uma adolescente.

Essa realidade se expressa, no caso da Educação Musical quando, ao se ensinar música aos idosos, surge a pergunta: “*Por quê aprender música nesse momento de nossas vidas?*”. Esse

questionamento pode indicar a presença do mito e do estigma relacionado à possibilidade da Educação Musical, em especial na velhice. Acrescenta-se ainda o desconhecimento dos benefícios, que no âmbito do desenvolvimento pessoal, a aprendizagem musical pode proporcionar a quem se propõe vivenciá-la.

A visão deturpada de nossa sociedade em relação à aprendizagem musical é reafirmada ao alimentar na memória e imaginação coletiva, apenas a idéia de uma metodologia que inclui múltiplas dificuldades e um processo árduo para obtenção de resultados. Moragas (1997, p. 66), referindo-se à negação da possibilidade da aprendizagem na terceira idade, adverte que “com esse condicionamento adverso é difícil propor, de maneira favorável, a aprendizagem na velhice”.

Assim sendo, para se reverter o condicionamento preconceituoso da negatividade dos idosos em relação à aprendizagem musical, é preciso que sejam propostas atividades musicais bem planejadas, respeitando suas habilidades, capacidade de execução sem causar exaustão, com níveis de dificuldade ascendentes. A idéia é de que se trabalhe *por uma Educação Musical de Possibilidades*<sup>4</sup> e não apenas de dificuldades. Para tanto, sugerem-se exercícios com sons corporais (diferentes tipos de palmas, estalos dos dedos, bater dos pés no chão, etc.) que, quando integrados a uma obra musical, possam sustentar, percussivamente, a sua base rítmica.

Os resultados harmoniosos surgidos com a integração dos elementos sonoros das atividades com sons corporais permitem iniciar um processo de “revisão” do paradigma do que é música e então, resgatar a motivação do idoso em relação à possibilidade de se alfabetizar na Linguagem Musical. Com o desenvolvimento das atividades, a visão “*a priori*” de que aprender música é impossível aos velhos, vai-se transformando e a idéia de que se alfabetizar na Linguagem Sonora é possível em qualquer idade, transforma-se numa realidade. Assim, podemos afirmar que com a prática e a compreensão da Linguagem Musical, o mito da impossibilidade perde a força e cede espaço à uma nova percepção – a possibilidade, concreta, do idoso aprender Música.

Por meio de atividades diferenciadas, até mesmo da troca de experiências, depoimentos, etc., pode-se fazer ruir o mito e o estigma de que **aprender música é algo possível apenas na infância**. Gradativamente, deve-se trabalhar no sentido da desconstrução desse mito e das resistências que o sustentam. Do mesmo modo, o fato de que só se aprende música na idade infantil, ou no início da adolescência, contribui para um estigma que é desfigurador da realidade e que impede fluir o pensamento de que o desenvolvimento da alfabetização musical pode ser para todas as pessoas e em qualquer faixa etária.

Diante dos mitos existentes, é compreensível o fato dos idosos acreditarem num paradigma negativo ao desenvolvimento musical após uma determinada faixa etária e isso, igualmente, também

---

<sup>4</sup> Título de um outro trabalho do autor – no prelo.

impede a sociedade como um todo de vislumbrar a possibilidade da alfabetização na Linguagem Musical e da capacidade de expressão musical.

Entende-se ainda que existem muitos fatores que contribuem para a construção desse pensamento negativo dos idosos e em relação a eles, principalmente, quando se trata da capacidade de aprendizagem; pois, como postula Moragas (*ibid*): “o ato de aprender, associado ao rendimento e à produtividade, é ligado, tradicionalmente, às faixas etárias mais jovens, de modo que as pessoas assumem, uma atitude negativa ao relacionar aprendizagem e velhice”.

Sabe-se que essa visão distorcida e falsa da realidade faz parte da nossa cultura e de certo modo, se “impõe”, de diferentes formas, no comportamento das pessoas.

Entretanto, conforme afirmado anteriormente, é necessário que se objetive, permanentemente, uma transformação desse paradigma, a fim de que seja resgatada a confiança dos idosos, no sentido da possibilidade da sua aprendizagem dessa forma de linguagem. Tal transformação pode ser iniciada com reflexões abarcando o tema dos mitos e estigmas presentes na memória e no imaginário coletivo de nossa sociedade, o desenvolvimento de um olhar que valorize as possibilidades e não apenas as dificuldades, além do reconhecimento e valorização constante dos resultados musicais alcançados com o indivíduo ou com o grupo ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Por outro lado, não se pode deixar de registrar que a existência de uma certa resistência inicial ao “novo”, ou seja, um ceticismo às novas propostas é muito freqüente e peculiar no comportamento dessa faixa etária. A mudança é possível. Ao longo do processo de aprendizagem musical, potencializam-se comportamentos de autoconfiança e predisposição para aprender cada vez mais, afastando o sentimento de subestimação tão comum em pessoas nessa fase da vida.

Outro aspecto muito presente no comportamento do adulto na terceira idade é o da autocensura que se manifesta quando novas propostas lhe são apresentadas. Acreditar na incapacidade e permitir que esse sentimento nos afaste das novas possibilidades de aprendizagem, é um fator extremamente limitador. Ressalte-se que tal atitude impede o acesso à novas descobertas, associadas ao lúdico, ao imaginário, à criatividade, à experimentação e, portanto, à novas informações e aos múltiplos saberes.

Acredita-se que esse comportamento pode ser reelaborado, através de momentos de reflexão sobre a autocensura, com a utilização de novas propostas que podem resgatar a autoconfiança individual e coletiva, fato que proporcionará novas aprendizagens e aprimorará o senso crítico na maturidade, inclusive em relação às novas atividades assumidas.

Quanto à Educação Musical, reafirma-se que este conceito é, também, passível de mitos e estigmas existentes em nossa sociedade. O mito negativo de que aprender música é possível apenas para pessoas com algum dote específico, faz com que se atribua a quem tem um certo conhecimento musical, uma capacidade superior às demais.

Assim sendo, cabe acrescentar que os resultados de pesquisas atuais apontam o aluno que aprende música com uma ampliação da memória, da capacidade cognitiva, do raciocínio lógico-matemático, da capacidade sensório-motora, entre outros benefícios; porém, aqui, pretende-se tratar de uma capacidade a mais que é atribuída às pessoas que estudam a Linguagem Musical; de um certo “dom” que as pessoas, de forma empírica, atribuem a musicistas de qualquer espécie e em qualquer nível de domínio da habilidade de tocar um instrumento musical, cantar e, portanto, fazer música.

Nesse sentido, sabe-se que a prática musical e a “possibilidade hipnótica” do som tem uma indiscutível função de sedução afetiva que, normalmente, leva as pessoas a atribuírem um certo nível de magia e a explicarem, de forma enigmática, a ação sonora percebida na emoção. Esse fato pode justificar, por parte dos idosos, a construção dessa falsa distância entre a realidade de se poder fazer música, ser um músico ou um estudante de música, e reforçar a concepção de que em faixas etárias medianas ou na própria velhice não se pode efetivar a alfabetização na Linguagem Musical.

A proposta metodológica para idosos, analisada neste estudo, constituiu-se de atividades baseadas também em vivências e atividades lúdicas, organizadas por meio de exercícios rítmico-melódicos que foram pedagogicamente escolhidos, tendo como critério incluir diferentes níveis de dificuldade, organizados em ordem crescente. Relacionando a importância da vivência e da desinibição na prática musical, Azambuja (1995, p. 105) menciona que “a emissão de sons, ritmos próprios, e melodias é uma atividade prazerosa e alegre, que permite aos idosos exteriorizar e conscientizar-se de seus próprios sons, até o momento inibidos”. Assim, a prática dessa forma de linguagem, como uma das formas de expressão dos participantes, esteve em conformidade com os princípios dessa proposta, visto ser também viabilizada por meio do uso de instrumentos musicais e da voz em atividades que propiciassem a sua utilização. Nesse sentido, Forquin e Gagnard (1982, p. 73) observam que “a música deve ser abordada através dos fatos musicais, não através dos sistemas musicais”.

Quanto ao desenvolvimento do ouvido musical dos idosos, constatou-se um resultado surpreendente no que tange à possibilidade de uma escuta técnica e musicalmente classificatória, pois “o ouvido musical não é apenas um órgão sensorial; ele comporta também uma atividade afetiva e mental, de natureza mais sutil, mais flexível e mais apta a transformar-se em vista de um progresso” (WILLEMS, 1970, p. 54-55). Por outro lado, “o ouvido tem tomado, na pedagogia nova e na composição das obras modernas, um lugar cada vez maior”. (ibid, p.55).

Sobre mitos da escuta, destaca-se aquele ligado ao desenvolvimento auditivo do aluno de música. Nesse sentido, Willems (ibid) adverte que “já passou a época em que se duvidava ainda da possibilidade de desenvolver o ouvido e em que certas pessoas julgavam poder afirmar: ou se tem ouvido ou se não tem”. Ter um ouvido musical supõe, de alguma forma, apresentar um pré-desenvolvimento específico de reconhecimento de formas e elementos que constituem a linguagem sonora, sem passar por

Artigo publicado no livro: *Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer*. Beltrina Côrte, Elisabeth Frohlich Mercadante, Irene Gaeta Arcuri (organizadoras). São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção Gerontologia, 3).

um processo de capacitação auditiva, por meio de um método que estimule o desenvolvimento dessa habilidade humana, especificamente no idoso.

Os dados e reflexões apontados demonstram que o processo de Educação Musical é acessível a essa faixa etária, conforme mencionado anteriormente e que, no geral, a dificuldade pode não estar na incapacidade de aprendizagem musical do idoso, mas, sim, no desempenho do educador quando se encontra despreparado para trabalhar com técnicas pedagógicas adequadas, considerando as necessidades, expectativas e potenciais do seu público alvo, fato que levaria seu trabalho a um bom nível de eficiência e significância. Daí a necessidade de se refletir sobre as funções do músico/educador e a importância do seu papel como sujeito conhecedor, usuário e construtor de novos caminhos para a Educação Musical.

## **CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES**

Ao sistematizar as concepções e a prática da proposta metodológica de Educação Musical para idosos e analisar seus resultados, expõe-se algumas considerações relevantes: sabe-se que a realidade da velhice traz em seu bojo uma série de limitações, mas também inúmeras possibilidades como as que puderam ser explanadas no decorrer da apresentação da proposta de Sensibilização e Iniciação à Linguagem Musical.

Em todos os momentos práticos dessa proposta um dos objetivos centrais visava a fazer da aprendizagem musical com idosos, uma atividade agradável, procurando “ensinar música, musicalmente”, além de desenvolver uma Educação Musical de possibilidades, tal como preconizam os mestres modernos e contemporâneos, estudiosos e pesquisadores na área da Música.

Com a aprendizagem musical, percebeu-se que os participantes tiveram oportunidade de ampliar e aprofundar seus potenciais e capacidades, por meio de atividades que promoveram o desenvolvimento da cognição e da emotividade.

Ao refletir sobre a questão da musicalidade, incluindo a Sensibilização e a Iniciação à Música, enfatiza-se que a escolha do método foi importantíssima para não desvirtuar o sentido da aprendizagem, a fim de não priorizar o caráter meramente técnico da Linguagem Musical. O aluno e, em particular o aluno idoso, deve ser, desde o início do processo, estimulado à vivência e à interpretação do texto musical, para que essa aprendizagem atenda as suas expectativas e, também, suas necessidades biopsicossociais.

Por outro lado, as atividades propostas para os idosos devem ter o cuidado de não infantilizá-los, mas constituir-se num meio facilitador de uma aprendizagem que contribuirá para uma ampliação do referencial musical e cognitivo dos participantes.

Constata-se, ainda, que esse trabalho permite a desconstrução da idéia preconcebida de que o idoso não aprende, pois os resultados constatados nessa faixa etária revelaram a existência dessa capacidade em todas as etapas e momentos do processo. Ainda em relação a mitos e estigmas observou-se que, no fluir das atividades musicais, aos poucos se desmoronava a idéia de que só aprende música, a criança, o jovem, ou o adulto com dotes especiais.

Ao mesmo tempo, o trabalho revelou que velhice não é sinônimo de incapacidade para a descoberta de novos interesses e aptidões, assim como é inaceitável que se associe, sem as devidas interpretações, velhice à doença, fragilidade e perda da autonomia.

Quanto às capacidades mentais, em particular, notou-se que a aprendizagem musical levou os idosos ao desenvolvimento de habilidades de memória, pensamento lógico-matemático e capacidade de análise e síntese, o que lhes possibilitou a assimilação da notação musical, do ritmo e da melodia, chegando à decodificação da Linguagem Sonora a partir das estruturas sensoriais e simbólicas que constituem o alfabeto musical.

Por meio das atividades lúdicas, de dança e de expressão corporal, pode-se perceber que a música impele os idosos a manifestações espontâneas e a uma maior liberdade de expressão, demonstrando um aumento da sensibilidade, uma ampliação da capacidade da percepção auditiva e corporal, liberando inclusive a criatividade potencializada em cada um. Por meio de exercícios musicais notou-se que aos poucos o sentido de autocritica dos participantes foi se amenizando e muitos dos bloqueios provocados pelos estigmas sócio-culturais introjetados anteriormente, foram desaparecendo.

Além das mudanças comportamentais, como o aumento da descontração e da alegria, pode-se observar ainda novos comportamentos como o resgate da auto-estima, o desenvolvimento do espírito de grupo e a sensação de pertencimento, o que os fortalecia muito, no sentido pessoal e coletivo. Na medida em que os idosos conseguiam decodificar os símbolos que constituem o arcabouço gráfico da música, sentiam-se emocionados e valorizados, por conseguirem enfrentar o medo de aprender música nessa faixa etária.

Nesse sentido, a participação do grupo de idosos em apresentações para parentes e amigos, foi de extrema importância, promovendo a integração social dos participantes, o resgate de suas identidades como sujeitos com capacidades artísticas, alterando a condição de isolamento e tristeza que, em alguns casos, caracteriza a velhice.

O trabalho também contribuiu para reduzir a sensação de exclusão dos participantes, possibilitando a sua reintegração à sociedade, viabilizando a elaboração de novos projetos e a realização de velhos sonhos. É possível afirmar que as atividades musicais proporcionaram aflorar o prazer, a emoção, além de reavivar a memória e, especificamente, a memória musical dos idosos.

No que se refere à *Dança Sênior*® observou-se que a participação dos alunos nas atividades trouxe alguns resultados dignos de serem mencionados: primeiro, a grande motivação para a atividade física e mental; segundo, a ampliação da percepção corporal e musical e, em terceiro, o prazer pela possibilidade de se dançar expressando a música no gestual, através de movimentos físicos, fundamentados no corpo em movimento.

Considerando os resultados decorrentes da prática de exercícios respiratórios e vocais, constatou-se que as atividades de técnica vocal e canto promoveram melhora da condição respiratória, além da melhora na dicção e projeção vocal dos idosos envolvidos na proposta.

Na fase de Iniciação Musical, através do manuseio de instrumentos de menor complexidade, tais como a flauta doce e os instrumentos rítmicos da banda, pôde-se observar que houve um maior estímulo para a recuperação da coordenação motora fina, em especial, dos movimentos das mãos, uma vez que muitos idosos, em decorrência de fatores relativos ao envelhecimento, apresentavam uma considerável diminuição da sensibilidade dos movimentos finos dos dedos.

Quanto à formação do musicista na velhice, esta deve ser abrangente englobando, dentre outras, as faculdades de percepção, comunicação, concentração, trabalho em equipe, autoconfiança, capacidade criativa, senso crítico e discernimento. Esse processo permite garantir a iniciação à Linguagem Musical e a ampliação dos estudos nessa área, para os idosos interessados, incluindo-se a interpretação de diversas obras.

O profissional de música deve entender as situações pedagógicas como um processo de construção, pela interação respeitosa com seus alunos, o que depende de constante atualização em suas áreas de atuação. Nesse sentido, a formação do educador musical para trabalhar com idosos deve considerar os saberes multidisciplinares incluindo, em especial, conhecimentos de Gerontologia Social, admitindo as interfaces da Música com as demais ciências.

Além desses fundamentos da Educação Musical não se pode perder de vista as necessidades do indivíduo e da sociedade, tendo como base os valores e princípios de uma educação humanizadora, referências básicas da construção de uma proposta educacional de desenvolvimento de novas competências, considerando os desafios da vida contemporânea.

Enfim, podemos afirmar que neste trabalho de Educação Musical, segundo a proposta metodológica de Sensibilização e Iniciação à Linguagem Musical adotada, a visão “*a priori*” de que aprender Música é impossível na velhice, foi se desvanecendo ao longo dos momentos vivenciados na aplicação dessa prática, culminando na desconstrução desse preconceito e no fortalecimento do sentido protagonista de viver.

Artigo publicado no livro: **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. Beltrina Côrte, Elisabeth Frohlich Mercadante, Irene Gaeta Arcuri (organizadoras). São Paulo: Vetor, 2006 (Coleção Gerontologia, 3).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAMBUJA, Thais de. *Expressão e criatividade na terceira idade*. In VERAS, Renato (org.) *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1995.
- BEYER, Esther (org.) *Idéias em Educação Musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador – o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- CAMPOS, Moema Craveiro. *A Educação Musical e o novo paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- FORQUIN, Jean-Claude e GAGNARD, Madeleine. *A Música*. In PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1982.
- IZQUIERDO, Ivan. *Tempo de viver*. 2ª reimpressão. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- KACHAR, Vitória (org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, J. *A pesquisa qualitativa*. In FAZENDA, Ivani (org.) *Metodologia de Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MERCADANTE, Elisabeth F. *Velhice: a identidade estigmatizada*. In REVISTA SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE (especial). *Velhice e Envelhecimento*. Ano XXIV, n.º 75. São Paulo: Cortez, 2003.
- MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: ALEPH, 1999.
- MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia Social – envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- NERI, Anita Liberalesso e DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. *Pesquisa Social – métodos e técnicas*. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SUZIGAN, Geraldo de Oliveira e SUZIGAN, Maria Lucia Cruz. *Educação Musical: um fator preponderante na construção do Ser*. São Paulo: CLR Baieiro, 1986.
- VERAS, Renato Peixoto. *Terceira Idade – alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, UnATI, 1999.
- WILLEMS, Edgar. *As bases psicológicas da educação musical*. Bienne (Suíça): Edições Pró-música, 1970.
- ZIMMERMAN, Guita I. *Velhice – aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.